

# JANE MARTINS E O TEATRO DE BOLSO REVISITADOS<sup>1</sup>

PADILHA, S.V.<sup>2</sup>, PEREIRA, M. M.<sup>3</sup>

## RESUMO

**RESUMO** - Nos anos 50, Curitiba desenvolvia planos de urbanização e projetos culturais, entre os quais destacava-se a implantação do radio-teatro na Rádio PRB-2. Nesta época, Jane Martins inicia sua carreira como atriz, participando ativamente do radio-teatro e do Teatro de Bolso. Este estudo tem como objetivo resgatar a memória cultural de Curitiba por meio das informações dadas por Jane Martins em entrevista exclusiva, na qual ela tece considerações sobre o teatro paranaense, com especial destaque para o Teatro de Bolso. Em virtude da escassez de fontes de pesquisa sobre o assunto, apoiamo-nos fortemente nas notícias culturais publicadas por Aramis Millarch no jornal *O Estado do Paraná*.

**Palavras-Chave:** Teatro de Bolso. Jane Martins. Teatro Paranaense.

## Jane Martins and the Teatro de Bolso Revisited

## ABSTRACT

**ABSTRACT** - In the 1950's, urbanization plans and cultural projects were being developed in Curitiba. At that time, Jane Martins started her career as an actress, working at both the radio-theater and the Teatro de Bolso (The Pocket Theater). This article aims at rescuing the cultural memory of Curitiba by presenting the exclusive interview given by Jane Martins and her considerations about the theater in Paraná, with emphasis on the Teatro de Bolso. Due to the lack of research sources about the subject, we strongly based our study on the cultural news published by Aramis Millarch in the newspaper *O Estado do Paraná*.

**Key words:** Teatro de Bolso. Jane Martins. Theater in Paraná.

---

<sup>1</sup> Nossos agradecimentos a Jane Martins pela entrevista concedida e pela autorização para publicar esse artigo. Os agradecimentos estendem-se ainda a Claudia Lacerda, Ilka Almeida Passos, Lúcia Adriana Baleche Cruz e Maysa Pedotti de Souza, cuja participação nesse projeto foi fundamental.

<sup>2</sup> Mestre em Letras (Literaturas de Língua Inglesa) pela Universidade Federal do Paraná. Especialista em Artes (Interdisciplinar em Artes e Ensino das Artes) pela Faculdade de Artes do Paraná. Professora dos cursos de Letras e Pedagogia das Faculdades Integradas Santa Cruz. Pesquisadora das relações entre a literatura e outros sistemas semióticos. C-eletrônico: sole\_sol@hotmail.com.

<sup>3</sup> Especialista em Artes (Interdisciplinar em Artes e Ensino das Artes) pela Faculdade de Artes do Paraná. Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. Professora da rede estadual de ensino. Ministra oficinas de jogos teatrais. C-eletrônico: monicamp\_66@hotmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo propõe-se a resgatar parte da história teatral em Curitiba por meio da figura de Jane Martins, que iniciou sua caminhada pela arte dos palcos em 1953, quando era aluna de Ary Fontoura no Instituto de Educação do Paraná.

Na década de 1950, havia diversas manifestações teatrais no município, desde espetáculos amadores a grandes apresentações internacionais. Uma semente significativa foi lançada na Rádio PRB-2: o rádio-teatro<sup>4</sup>. Na época, tudo tinha um caráter amadorístico, contando somente com a vontade daqueles que ansiavam em conquistar o mundo por meio de sua arte, encarando uma gama de adversidades, entre elas, o preconceito existente tanto em relação ao teatro quanto àqueles que nele atuavam.

O presente trabalho tem como base a entrevista realizada com a atriz Jane Martins, na qual ela destaca os momentos expressivos de sua carreira artística, sua passagem pelo rádio-teatro, pelo teatro e pela televisão. Pretende-se ainda demonstrar o desenvolvimento do teatro em Curitiba, a partir de 1953. Para tanto, apresentaremos uma breve biografia de Jane Martins. Pelo fato de Jane ter participado da inauguração do extinto Teatro de Bolso, faremos um pequeno apanhado histórico, no intuito de mostrar como se deu o desenvolvimento dessa instituição cultural no cenário da época.

Transcrever-se-á na íntegra a entrevista realizada com a atriz Jane Martins no dia 14 de outubro de 2009, na qual ela faz revelações entusiásticas sobre como iniciou sua carreira, até os dias atuais, propondo um registro imperdível da memória teatral curitibana.

## 2 BIOGRAFIA DE JANE MARTINS



Figura 1 - Jane Martins – 14 out 2009

Jane Martins nasceu em Curitiba, capital do Paraná, em 02 de junho de 1940. Iniciou suas atividades artísticas com radionovelas na Rádio PRB-2 e, posteriormente, trabalhou na Rádio Colombo. Atuou no teatro, TV e cinema. Começou sua carreira teatral no TCP, Teatro de Comédia do PR (Teatro Guaíra), em 1955.

Integrou o grupo Sociedade Paranaense de Teatro, fundado por Ary Fontoura que, em 1957, inaugurou o Teatro de Bolso da Praça Rui Barbosa (1957 a 1966). Foi casada com Maurício Távora Neto (Florianópolis, 11/06/1937 - Curitiba, 12/06/1986), já falecido, e teve três filhos.

Jane participou de 37 espetáculos de teatro. Na televisão, trabalhou no Canal 6, onde fez teleteatro, programas humorísticos, novelas, comerciais e cinema.

Atuou na conhecida telenovela “O Direito de Nascer”. **Destaques da sua carreira teatral:** *Ela só é society, Spirit, A cantora careca, Paraná terra de todas as gentes (esta, no Teatro Guaíra), A casa de bonecas e Amanhã se não chover.*

<sup>4</sup> Ao longo do texto, utilizaremos a expressão “o radio-teatro”. Entretanto, na transcrição da entrevista com Jane Martins, optamos por manter “a radio-teatro”, conforme empregado pela entrevistada.

### 3 ORIGENS DO TEATRO DE BOLSO

No ano de 1951, a Companhia Estudantil de Espetáculos Musicados (CEEM) começa suas atividades, sob a direção de Ary Fontoura. Após as apresentações da revista *Interessa? e A mulher sem pecado*, de Nelson Rodrigues, no início de 1952, o grupo passa a chamar-se Companhia Estudantil de Teatro e, mais tarde, é denominado Sociedade Paranaense de Teatro (SPT). Patrocinada pelo Departamento de Cultura da Secretaria de Educação, a SPT, com sede no Instituto de Educação, foi oficialmente fundada por Ary Fontoura em janeiro de 1952. Segundo o seu próprio fundador, a criação do grupo se deu em razão do desejo de aglutinar na sua associação todos os que amavam a arte de representar.

A Sociedade Paranaense de Teatro era formada por jovens da Companhia Estudantil de Teatro e jovens atores ainda desconhecidos dos palcos curitibanos. Inicialmente, tinham como meta a encenação de peças brasileiras e a apresentação de espetáculos para espectadores de todas as idades. *Sinhá moça chorou*<sup>5</sup>, de Ernani Fornari e *Chapeuzinho vermelho*, adaptação de Paulo Magalhães e direção de Fornari, estão entre as peças encenadas em 1953.

No ano de 1954, a Sociedade Paranaense de Teatro segue sua programação. Fazem parte do repertório as peças *A mulher sem pecado*, de Nelson Rodrigues, *O homem que nasceu duas vezes*, de Oduvaldo Vianna, e *A família Linhares*, de Paulo Orlando, todas elas dirigidas por Divo Dacol.

Em 1955, apesar das dificuldades enfrentadas, o grupo segue com seu trabalho e estreia *É proibido suicidar-se na primavera*, de Alejandro Casona. Em entrevista concedida ao jornal O Estado do Paraná, René Dotti (ator e um dos fundadores do grupo) expressa seu descontentamento e critica a “inexplicável inexistência de Departamentos Artístico-teatrais, criados pelo Governo e a falta de apoio, quase geral, por parte de nosso público, tão acostumado às saladas musicais ou aos dramalhões mexicanos, impostos pelo cinema atual” (O Estado do Paraná, Curitiba, 2 mar. 1955, p. 5).

No início de 1956, a Sociedade Paranaense de Teatro (SPT), a convite da Superintendência do Teatro Guaíra, une-se ao Clube de Teatro. Surge, então, o Teatro Experimental do Guaíra (TEG). Portanto, o primeiro elenco do Teatro Experimental do Guaíra (TEG) é constituído pelos componentes do Clube de Teatro, grupo formado por estudantes que tinham como diretor Glauco Flores de Sá Brito, e pelos artistas da Sociedade Paranaense de Teatro (SPT), do diretor Ary Fontoura<sup>6</sup>.

O Conselho Literário e Artístico, formado por pessoas que se destacavam na cultura paranaense, como o escritor Dalton Trevisan, os jornalistas Eddy Franciosi e Orlando Soares Carbonar, o Professor Erasmo Piloto e Osiris Rego Bastos, era responsável pela escolha do repertório, composto por peças nacionais e estrangeiras de reconhecido valor artístico.



Figura 2 - Teatro Guaíra<sup>7</sup>

<sup>5</sup> O programa do espetáculo trazia uma frase de Graça Mello, que exaltava o espírito de idealismo do grupo: 'O teatro, no Brasil, existe e existirá enquanto houver loucos. Bendita loucura.' (in TEIXEIRA, 2007, p. 127).

<sup>6</sup> O Clube de Teatro, que teve seu início nos primeiros anos de 1950, denominava-se Estudantes Unidos. Posteriormente, veio a chamar-se Teatro das Quartas-Feiras; depois, Teatro de Vanguarda e, finalmente, Clube de Teatro.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://filosofodepijama.blogspot.com/2009/09/1954-o-ano-do-mestre.html>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

No entanto, antes mesmo da existência do TEG e do conselho ser formado, o grupo de Ary Fontoura, no ano de 1954, já recebia elogios da crítica local quanto à escolha do repertório. Segundo os críticos, esta era sempre acertada, de forma que atraía cada vez mais o público para o teatro paranaense.

Em maio de 1956, o grupo de Teatro Experimental do Guaíra, em sua *avant-première* para a imprensa e pessoas ligadas ao teatro, encena *À margem da vida*, de Tennessee Williams, sob a direção de Glauco Flores de Sá Brito. Mais uma vez o grupo recebe elogios da crítica especializada e o jornal O Estado do Paraná publica uma série de entrevistas com os atores e técnicos do TEG. Outra parte da crítica, no entanto, acusou o diretor do espetáculo de ter orientado seus atores de forma incorreta, o que os levou a uma interpretação equivocada.

Críticas à parte, em 1956 o grupo segue com suas montagens, apresentando, entre outras peças, *Sinhá moça chorou!*, de Ernani Fornari, que já havia sido encenada em 1953 pela Sociedade Paranaense de Teatro, na época também com a direção de Ary Fontoura. Em meados de 1957, os elencos do TEG, ora dirigidos por Glauco Flores de Sá Brito ora por Ary Fontoura, abrem a temporada em comemoração ao primeiro aniversário do grupo. O primeiro espetáculo é o monólogo de Anton Tchekov, *Sobre os males que causa o fumo*, seguido de *Judas em sábado de aleluia*, de Martins Pena, e *A volta do filho pródigo*, de Dalton Trevisan, entre outros. Este último foi considerado pela Associação Paranaense de Críticos Teatrais (APCT) o melhor texto paranaense para teatro de 1957; a peça recebeu ainda o prêmio de melhor direção.

Em agosto de 1957, o jornal O Estado do Paraná noticia a saída de Glauco Flores de Sá Brito e Dalton Trevisan, entre outros participantes do TEG, para retomarem a organização do Clube de Teatro, objetivando a encenação de peças que não fossem comerciais. Quase nessa mesma época, Ary Fontoura desvincula-se do Teatro Guaíra e passa a atuar no Teatro de Bolso, localizado na Praça Rui Barbosa. Grande parte do elenco por ele dirigido o acompanha nesta nova empresa.

Em sua fase inicial, o Teatro de Bolso (inaugurado a 7 de maio de 1958) contava com dois elencos distintos: A Sociedade Paranaense de Teatro, que passou a ser dirigida por Maurício Távora, e o próprio elenco do Teatro de Bolso, dirigido por Ary Fontoura. No início de 1958, contando com os atores e atrizes da SPT, o Teatro de Bolso apresenta *A camisola do anjo*, de Pedro Bloch e Darcy Evangelista. Nos principais papéis estavam Ary Fontoura, Jane Martins e Sinval Martins. A peça ficou em cartaz durante 45 dias, com espetáculos de quinta a domingo. Posteriormente, o Teatro de Bolso apresenta a montagem *Massacre*, de Emmanoel Robles, peça que, muito elogiada pela crítica, permanece 50 dias em cartaz.



Figura 3 - Jane Martins



Figura 4 - Sinval Martins

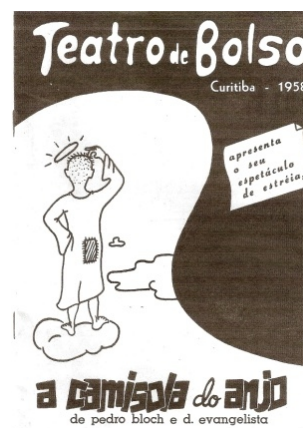


Figura 5 - Espetáculo de estreia do Teatro de Bolso 1958

Ela só é *society*, do paranaense Cícero Camargo, dirigida por Ary Fontoura, é a próxima estreia do Teatro de Bolso em novembro de 1958. A peça, uma comédia sarcástica, contou com atuações do próprio Ary, de Jane Martins, Odela Rodrigues e Alceu Honório nos papéis principais. O espetáculo abriu uma temporada que se estendeu por sete meses. Os críticos e a imprensa local ressaltavam o ineditismo da peça ter permanecido tanto



tempo em cartaz.

O Teatro de Bolso segue com sua programação apresentando *Nega de Maloca*, de Cícero Camargo de Oliveira, em novembro de 1959 e *Mulher de Briga*, de Pedro Bloch, no início de 1960. Ainda em maio de 1960, os grupos Teatro de Bolso e SPT apresentam *Massacre e Não me lote Brasilino* – sátira política feita por Ary Fontoura e Maurício Távora. Essas montagens permaneceram em cartaz até setembro do mesmo ano, sendo substituídas logo em seguida por *Fofoca no Paralá* e *O quiproquó da galinha*, ambas de autoria de Ary Fontoura e Maurício Távora. Os dois artistas atuaram nas montagens, contracenando com Jane Martins e Odelair Rodrigues.



Figura 6 - Maurício Távora<sup>8</sup>



Figura 7 - Odelair Rodrigues<sup>9</sup>

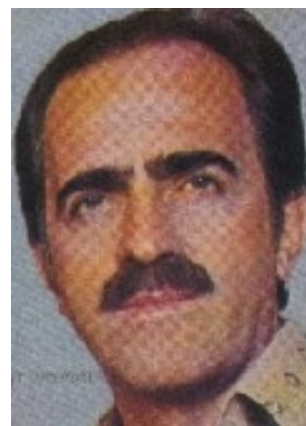


Figura 8 - Ary Fontoura<sup>10</sup>

O Teatro de Bolso foi reconhecido pela crítica como um dos grupos de maior atividade na década de 50. No intuito de resgatar um pouco deste passado, conversamos com Jane Martins, atriz que participou ativamente do Teatro de Bolso e da história do teatro na cidade de Curitiba. Passaremos agora à transcrição da entrevista.

#### Transcrição da entrevista com Jane Martins<sup>11</sup>

**JM<sup>12</sup>:** Olá, bom dia. Eu sou Jane Martins, atriz de teatro, rádio e televisão. Estou aqui para ser entrevistada pelas alunas da FAP do curso Interdisciplinar em Artes e Ensino das Artes. Estou à disposição de vocês.

Vejam, eu tenho atualmente 69 anos. Vou completar 70 anos<sup>13</sup> – e vocês podem imaginar a dificuldade em se envolver com teatro e rádio. Eu comecei em 1953. Quando comecei eu tinha uns treze, catorze anos e estudava no Instituto de Educação do Paraná, e lá comecei a me interessar por teatro e por arte em geral. Eu tinha um professor que fazia com um grupo – no próprio Instituto de Educação – teatro, e eu fiquei fascinada com aquilo. O professor era o Ary Fontoura. Ele era mais velho que nós do grupo todo. O Ary já fazia rádio na PRB-2; na época, radionovela, e foi através do Ary Fontoura que eu comecei a entrar no ambiente do teatro e da rádio.

Fui primeiro para a rádio PRB-2 – que tinha uma grande história aqui no Paraná na parte radiofônica, mas também na parte de arte – porque eles faziam radionovelas desde a manhã até a noite. Tinham um elenco oficial; era maravilhoso. Uma escolinha em que nós íamos aprender radionovela; mas a dificuldade era grande, principalmente para as mulheres. Eles não aceitavam; a família não liberava; tínhamos que fugir para participar dessas coisas. Tive uma grande aliada, que foi minha mãe – que me levava e me acompanhava e continuou assim a vida inteira. Para se ter uma ideia, eu vou falar da minha história teatral: meu pai nunca assistiu a um espetáculo

<sup>8</sup> Fotografia extraída do sítio de Ubiratan Lustosa. Disponível em: <<http://www.ulustosa.com/PrimordiosRadio-Capitulo3-4.htm>>. Acesso em: 4 mar. 2012.

<sup>9</sup> Idem

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.projetovip.net/0127.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2012.

<sup>11</sup> A entrevista foi realizada no dia 14 de outubro de 2009, em Curitiba/PR. Agradecemos a Lúcia Baleche pelo minucioso trabalho de transcrição.

<sup>12</sup> Na transcrição da entrevista, o nome de Jane Martins será abreviado com suas iniciais: JM.

<sup>13</sup> Jane Martins completou 72 anos no dia 2 de junho de 2012.

que fiz em teatro. Quando eu fazia televisão, ele saía da sala; ele não assistia. Talvez depois, mais tarde, ele tivesse orgulho, mas ele não cedia. E eu acabei entrando na rádio-teatro da B-2. Fizemos muitos trabalhos, muitas novelas. Lá eu conheci meu marido, Maurício Távora. E depois a rádio-teatro da B-2 se dissolveu, e por questões econômicas, nós fomos para a Rádio Colombo. Foi um período bem grande – cinco anos –, e desse elenco participavam Ary Fontoura, Odela Rodrigues, Maurício Távora, Lala Schneider, eu, Jane Martins, Sinval Martins – que era um galã na época e continua até hoje –, que fez televisão e teatro e fez um grande trabalho que tem que ser reconhecido, porque ele merece.

**Pergunta:** Como era o trabalho na rádio? Como era fazer radio-teatro? Era ao vivo? Havia cenário na rádio? As pessoas podiam ver?

**JM:** Na rádio não, não tinha nada, era um estúdio em que nós representávamos – e isso vocês já devem ter visto. Faziam os sons das patas dos cavalos – era o barulho de coco – e a sonoplastia das novelas com coco. É bem curiosa a sonoplastia das novelas. Era só estúdio. O forte da PRB-2 eram os programas de auditório, mas eram mais cantores que se apresentavam. Da história do rádio é isso que eu tenho a lembrança – das radionovelas.

**Pergunta:** Quem escrevia o texto da radionovela?

**JM:** Havia vários autores... Tinha o diretor do elenco que era o Ivo Ferro, que pouca gente conhece, e foi uma pessoa importante na área de rádio. Ele escrevia as novelas assim como os novelistas. É como agora, que tem na televisão, por exemplo, o Gilberto Braga, o novelista que escreve; era assim que funcionava. A influência principal era do rádio mesmo; e depois passamos para o teatro e, posteriormente, para a televisão.

Aconteceu uma coisa muito ruim quando veio a televisão. Os programas todos eram ao vivo; então, todos os profissionais da área cultural tinham oportunidade para trabalhar, porque todos os programas eram feitos ao vivo. Então eles utilizavam os atores locais. Isso dava trabalho para muita gente. Depois uma grande emissora do Rio de Janeiro passou a dominar todo esse campo e passaram a vir os vídeo-tapes. Então, quando veio o vídeo-tape, eles vinham gravadinhos de São Paulo e Rio e acabou com o artista local, porque não tivemos mais como trabalhar. E cada um foi cuidar da sua carreira com elencos itinerantes, à sua maneira e até fora de Curitiba. Aqui [em Curitiba] acabou o trabalho profissional, que agora está sendo retomado. Aqui, coisas boas estão sendo feitas... São grandes atores... Ainda há esperança e nos grandes centros do Rio e São Paulo tem muita gente, há grandes atores do Paraná atuando na Globo, que são bons atores...

**Pergunta:** Você começou no teatro ao mesmo tempo em que na rádio?

**JM:** Foi após a rádio-teatro na PRB-2 e na Colombo que eu comecei a fazer teatro. Eu fiz a minha primeira peça em 1955. Uma peça de Henrik Ibsen, *A casa de bonecas*, foi a minha estreia em teatro; isso foi no TCP (Teatro de Comédias do Paraná), o elenco permanente do Teatro Guaíra. Fazíamos peças uma atrás da outra. Como era do governo, o elenco ficava limitado a certas interferências; então, o nosso grupo – que era do Ary Fontoura, do Sinval Martins, Joel de Oliveira (que vocês nem conheceram, infelizmente, falecido) –, resolvemos montar um grupo separado do Teatro Guaíra – e isso foi ideia do Ary. O diretor do grupo era o Ary e nós conseguimos um local, na Praça Rui Barbosa. Tinha um local que estava há muito tempo desativado, que foi destinado a ser uma creche do governo; era da LBA (Legião Brasileira de Assistência), mas ele nunca foi usado com esse fim. O Ary descobriu e era bem no centro da cidade. Ele pleiteou isso e nós conseguimos uma concessão desse local – eu tenho ainda esse documento – por 99 anos, e ali nós começamos a fazer teatro amador; esse era o grupo com que nós fizemos grandes espetáculos.

A estreia desse teatro foi com uma peça em 57. Éramos nós que fazíamos tudo: cenário, figurino, guarda-roupa e não ganhávamos nada e saíamos às ruas entregar filipetas e pedindo pelo amor a Deus: “Vão ao teatro!”, porque não iam. Depois foi engrenando; passamos a fazer televisão em 60 e foi o que carrou o público para o teatro, que era lindo, maravilhoso! Nós nos esforçamos muito! Ele tinha no início 120 lugares, depois passou a ter 180 e no final 250 lugares. E tudo isso desapareceu. Nós ficamos. O Ary foi embora para o Rio em 63, com a

Odelair, para tentar a carreira lá. E eu, o Sinval e o Maurício, continuamos com o grupo aqui em Curitiba. Fizemos alguns espetáculos e depois em paralelo a televisão; ficamos durante seis a sete anos e foi uma experiência muito produtiva.

**Pergunta:** Como se chamava esse teatro?

**JM:** Era o Teatro de Bolso. No Teatro de Bolso é que começou o teatro profissional de Curitiba. Foi o primeiro espetáculo: *Ela só é society*, de Cícero Camargo de Oliveira. Ele era um autor aqui, paranaense, que começou o teatro profissional de Curitiba. Nós passamos a ganhar dinheiro com esses espetáculos – pouco, nunca muito; pouco. Saímos e viajamos por várias cidades paranaenses, e inclusive Santa Catarina, com esse espetáculo. Foi um sucesso tremendo e nós ficamos nove meses com a peça em cartaz – e isso foi um espanto. Um espetáculo em Curitiba durante nove meses era um espanto!

**Pergunta:** E as apresentações eram nos finais de semana?

**JM:** Eram nas terças, quintas, sextas, sábados e domingos, porque já ensaiávamos outra peça em paralelo. O teatro nunca parou. Nós tivemos outros espetáculos como *Nega de Maloca*, *Ela só é society*, *Massacre*, *Alguém falou de amor*, *O Noviço*, de Martins Pena – veio do Rio de Janeiro um diretor para dirigir a peça, um diretor famoso. E muita coisa se fez lá [no Teatro de Bolso]; foram nove, dez anos produtivos no cenário cultural de Curitiba.

**Pergunta:** Como era a pesquisa no Teatro de Bolso? Como escolhiam as peças?

**JM:** Era tudo o elenco que determinava; íamos cada um lendo a peça e decidíamos. Eu era a mais jovem do elenco; então, eles cuidavam de mim como se fossem meus pais; eu ficava muito braba. Ficavam me vigiando e quem decidia era o Maurício Távora, o Sinval Martins e o Ary Fontoura – e determinavam o que seria feito no Teatro. A estreia do teatro de Bolso foi *A camisola do anjo*; não lembro o autor<sup>14</sup>, mas era uma comédia deliciosa, que levou muita gente ao teatro, no começo. Também foi uma experiência muito boa. Foi Revista, teatro-revista que era muito feito no Rio e São Paulo e aqui nunca tinha sido feito. Fizemos três revistas; foi genial porque havia dança, música e teatro. Foram espetáculos que levaram muito público ao teatro. Um deles se chamava *O quiproquó da galinha*. Quem geralmente escrevia as peças era o Maurício; ele escreveu muito para teatro. Algumas coisas dele, outras de autores famosos. É isso!

**Pergunta:** Quanto tempo durou o Teatro de Bolso?

**JM:** De 57 até 66. Quase dez anos; e depois o teatro permaneceu lá e houve alguns elencos em que o

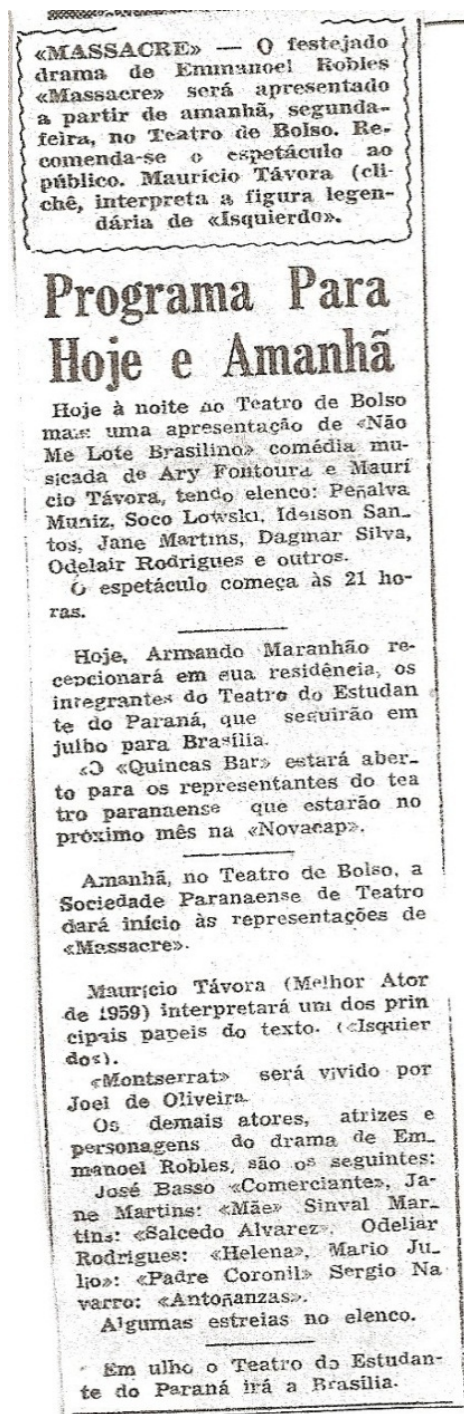


Figura 8 - Ary Fontoura<sup>10</sup>

<sup>14</sup> A camisola do anjo, de autoria de Pedro Bloch e Darcy Evangelista.



diretor era o Oraci Gemba, mas muito esporádico. Oraci Gemba foi um grande diretor de teatro; também fez coisas importantes. Lá ele fez teatro de Ionesco chamado *As criadas*, mas era muito esporádico. Ficava seis meses fechado e foi indo até que um dia, um prefeito de Curitiba, que ia reformar a praça Rui Barbosa, chegou para nós, porque nós éramos os legítimos donos, não do espaço físico, da construção, mas afinal, por comodato, nós tínhamos direito ao espaço. Ele disse que ia arrumar a praça, tinha que fazer; não era ainda o terminal de ônibus. Ele ia reformar a praça e ia demolir o espaço e que aí ia ser construído um novo espaço maior. Ia determinar um local junto com o grupo para ser o novo teatro. De fato foi construído: era um teatrinho de arena que tinha um palco pequeno, como se fosse esse espaço aqui<sup>15</sup>... Na estreia eu trabalhei. Não foi o Maurício que escreveu, foi o Paulo Vítoia, mas o Maurício dirigiu e nós não conseguíamos continuar, porque era um teatro de arena e um tablado que era um semicírculo e a metade desse círculo ainda não estava construído... Se eu mostrar as fotografias desse espetáculo... é lamentável!

O espetáculo só foi bom porque nós éramos bons; nós conseguimos salvar aquele espetáculo porque não tinha espaço. Para se ter ideia, até hoje tem na minha casa a metade daquele tablado em que tínhamos que representar. Eram bancos; tinha uma sequência de bancos de madeira enfileirados, banco de madeira duro, em que a gente tinha que interpretar. Era uma meia lua. Uma meia lua; então havia doze ou quinze personagens. Cada um tinha um banquinho – que eu tenho até hoje na minha casa –, que mal cabia meia nádega e ali a gente sentava e ficava com o banco na mão representando. Essa foi a estreia do teatro que foi construído.

**Pergunta:** E o nome continuou o mesmo?

**JM:** Sim, Teatro de Bolso, como o mesmo nome; isso o Maurício fez questão de manter: o nome do teatro. Não houve possibilidade de encenar nada lá. Na verdade, quem passava pela praça, achava que era o banheiro<sup>16</sup>; isso ficou evidente... Além do nosso teatro, foi destinado também a ser um teatro infantil, mas, na verdade, nunca funcionou com esse fim, até que desapareceu. Até que foi demolido e pronto<sup>17</sup>. Quando foi feita novamente a reforma da praça – que passou a ser um terminal de Ônibus –, eles também disseram que embaixo daquele espaço (que tem lá a feira de artesanato) seria um espaço de teatro, que acabou sendo um espaço para cinema e também nunca funcionou.

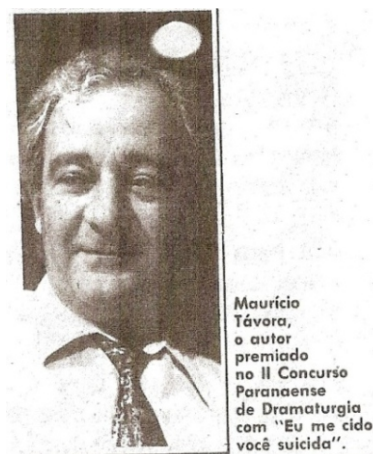


Figura 11 - Maurício Távora<sup>18</sup>

<sup>15</sup> Aramis Millarch, em texto publicado originalmente no jornal O Estado do Paraná, em 04/05/1980, argumenta: “Ao decidir dar à cidade mais um espaço cultural, na Praça Rui Barbosa, o prefeito Jaime Lerner, como sempre, teve a melhor das intenções. Pena que no atropelamento das decisões não tenha ouvido as sugestões feitas no sentido de que não teria sentido reconstruir um novo teatro com os mesmos defeitos do antigo que ali existia – e que funcionou, bem ou mal, de 1958 a 1975, num prédio originalmente destinado à Legião Brasileira de Assistência. Aquele teatro, improvisado e que tinha a garra de um grupo de gente idealista e que fazia espetáculos com amor e entusiasmo, trabalhou duro para que a população aplaudisse comédias do paranaense Cícero Camargo de Oliveira [...]. Tudo isto faz com que o antigo Teatro de Bolso seja lembrado com respeito por quem se interesse, de qualquer forma, pela nossa vida cultural. A ideia de reinaugurá-lo, portanto, com um espetáculo sobre Curitiba, na mesma linha de “Cidade Sem Portas”, e reunindo, no máximo possível, o pessoal que, no final dos anos 50 na década de 60, formava a Sociedade Paranaense de Teatro, não poderia ser mais feliz. Maurício Távora, 46 anos, 23 de teatro, que com sua esposa, Jane Martins, inaugurou a Sociedade Paranaense de Teatro, aceitou dirigir e interpretar a peça. [...] O teatro estava em obra e os ensaios foram em locais improvisados. Quando chegaram no local, para os ensaios finais, viram que o espaço do palco não permitia sequer a montagem, tal suas dimensões. Mas, com boa vontade, adaptaram-se à realidade e estrearam a 30 de março, como rezava o contrato assinado com a Fundação.” Disponível em: <<http://www.millarch.org/artigo/tribo-fica-so-no-boldo-salve-salve>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

<sup>16</sup> Aramis Millarch, em texto publicado originalmente no jornal O Estado do Paraná, em 12/04/1980, escreve: “O impossível (parece) acontece. Numa tarde, nesta semana, um cidadão, humilde aproximou-se da edificação recoberta de [acrílico], na Praça Rui Barbosa – hoje o amplo, iluminado e “renovado” terminal de transportes urbanos e, respeitosamente, solicitou à funcionária da Fundação Cultural de Curitiba se poderia “utilizar” a unidade. A moça, surpreendida, julgou que o cidadão pretendia conhecer o Teatro de Bolso, reinaugurado há 10 dias, e abriu as portas. O cidadão entrou e voltou alguns minutos depois, agradecendo: – Muito obrigado! O sanitário é bastante limpo, embora um pouco pequeno.” Disponível em: <<http://www.millarch.org/artigo/de-como-desperdicar-milhoes-um-teatro>>. Acesso em: 12 mar. 2012.

<sup>17</sup> Aramis Millarch: “E o que aconteceu com o liliputeano Teatro de Bolso, que desde o dia 1.º de maio está fechado? Fala-se que já estaria em reformas, para ter mínimas condições de funcionamento. Os mais pessimistas acham que será mesmo transformado num mitório público. De tudo isto fica uma lição: não basta pensar em fazer um novo espaço cultural, se não houver bom planejamento, humildade para se ouvir sugestões e, principalmente, a mínima competência para utilizá-la. Afinal, o dinheiro público é do contribuinte – que deve “cobrar” quando vê seus impostos mal utilizados!” (O Estado do Paraná, 28/05/1980). Disponível em: <<http://www.millarch.org/artigo/country-aplaudiu-mas-tribo-fica-so-nisso>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

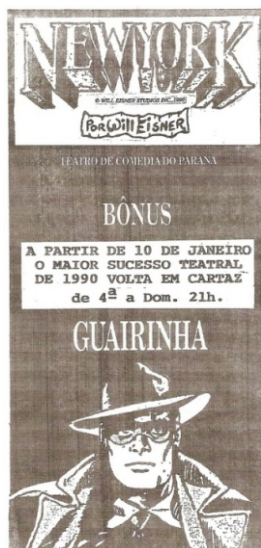
<sup>18</sup> Sugerimos a leitura do texto “O testamento amargo que Maurício deixou”, de Aramis Millarch. Disponível em: <<http://www.millarch.org/artigo/o-testamento-amargo-que-mauricio-deixou>>. Acesso em: 28 jun. 2012.



Essa é a história do Teatro de Bolso; e a partir de tudo isso, quando o Ary foi embora, cada um foi fazer sua carreira teatral e o teatro acabou desaparecendo... E essa é a história do Teatro de Bolso...

É importante que fique registrado que um dia quem tiver curiosidade que vá à Biblioteca Pública e procure lá o material que há – tem muito material jornalístico de uma revista chamada Programa (é de televisão também) – que vocês vão conhecer a história desse grupo, desse elenco que foi realmente quem começou o teatro profissional aqui em Curitiba. Depois disso fiz muita coisa; eu tenho registro de tudo em que trabalhei: em 37 peças de teatro, fora televisão, rádio e cinema. Essa é minha história...

Figura 12 – New York, por Will Eisner



**JM:** Esporadicamente, fiz e participei de alguns espetáculos no Guaíra e no Teatro José Maria Santos<sup>19</sup>. Nós fizemos um espetáculo; daí só eu porque nessa época o Maurício já era falecido. Fiz no Teatro José Maria Santos *A cantora careca*<sup>20</sup>, que foi um espetáculo genial do teatro do absurdo. Foi genial! Esse espetáculo, em Londres, ficou 40 anos em cartaz; é maravilhoso. E fiz algumas coisas no Teatro Guaíra; participei de uma ópera... Havia a parte da encenação, da qual eu participei. *O Palácio dos Urubus* foi outra peça de que participei.

*New York, New York* foi um espetáculo primoroso aqui em Curitiba e de um elenco que envolveu 20 atores, fora o pessoal técnico, e foi grandioso; inclusive, fomos para São Paulo e foi muito bom!

Outras coisas que fiz, mas agora, no momento, eu não lembro; só se pegasse meu currículo e fora isso a questão de cinema e comerciais de Tv<sup>21</sup>.

**Pergunta:** Você pode falar um pouco sobre o teatro hoje no Paraná?

**JM:** Eu vejo assim, pela experiência toda que eu tive, com o tempo que fiquei afastada e não participo hoje da atividade teatral. Eu acho que houve um tempo que ficou muito parado, que não tinha nada e não havia bons espetáculos. Alguns, bons, não foram reconhecidos e agora está tendo uma grande revitalização do teatro. A gente vê muitos espetáculos. E eu participei durante quatro ou cinco edições do troféu Gralha Azul; fazia parte da comissão que avaliava os espetáculos e sei que estão sendo feitos muitos espetáculos em Curitiba. Isso é muito bom porque dá muito trabalho, inclusive para os jovens que estão entrando nessa área – e isso é muito importante e tem coisas boas. Só eu que estou um pouco afastada por questões familiares... Fiquei afastada, mas não deixei de fazer teatro. Estou aí disponível.

Então é isso que eu vejo: está havendo uma efervescência na questão cultural. A gente vê que o público vai mais ao teatro e o que a gente sempre lutou, levou anos e anos lutando para que as pessoas reconhecessem o talento do Curitiba e que fossem ao teatro e assistir aos espetáculos, porque o artista precisa do público; que vão lá nem que seja pago ou cortesia, mas que vão lá e assistam e reconheçam... Isso faz parte da vida do artista; você precisa disso para continuar trabalhando. Mas eu vejo que agora o artista consegue ganhar dinheiro e está aí o teatro de Luiz Fiani: ele faz teatro comercial – outro tipo de teatro, mas ele sobrevive do teatro. Nós tivemos, por exemplo, no Teatro do Fiani, tem o nome da Lala Schneider, que foi uma pessoa importantíssima, que eu considero a grande dama do teatro paranaense: a Lala Schneider. A Odelair Rodrigues também; ela foi fantástica,

<sup>19</sup> O Teatro José Maria Santos é o antigo Teatro da Classe.

<sup>20</sup> Aramis Millarch (O Estado do Paraná, 8/12/1984) elogia a direção de Marcelo Marchioro e a atuação de Jane Martins: “No caso da encenação, que há quase um mês está em cartaz, surpreendentemente atraindo uma platéia jovem e interessada, deve-se louvar o bom trabalho de equipe. Mesmo sem poder assinar o trabalho - impedido pelo Sindicato - Marcelo merece os cumprimentos. Conseguiu colocar no palco, em cenários pobres e propositalmente desagradáveis, todo um mundo de absurdo de sentimentos e reações. Criou uma trilha sonora das mais funcionais, numa sonoplastia que oferece, em background, uma linha condutora ao espetáculo. Mas foi na direção do elenco que Marcelo conseguiu os melhores resultados. Jane Martins, mais de 25 anos de vida artística (infelizmente há muito tempo afastada dos palcos) retorna em grande forma, numa composição perfeita ao personagem.” Disponível em: <<http://www.millarch.org/artigo/o-absurdo-nosso-de-cada-dia>>. Acesso em: 28 jun. 2012.

<sup>21</sup> Sugerimos que assistam ao delicado vídeo “Não sei nadar”, protagonizado por Rodrigo Ferrarini e Jane Martins, com direção de Lelo Penha e roteiro de Marcos Pamplona. Disponível em: <[http://www.territorioscuola.com/youtube/view.php?video=2ycCljMbyck&feature=youtube\\_gdata&title=N%C3%A2o+sei+nadar+parte+1](http://www.territorioscuola.com/youtube/view.php?video=2ycCljMbyck&feature=youtube_gdata&title=N%C3%A2o+sei+nadar+parte+1)>. Acesso em: 28 jun. 2012.

inclusive quando foi para o Rio de Janeiro com o Ary; ela foi contratada pela Globo primeiro e o Ary foi depois. Ela não suportou a pressão no Rio de Janeiro e voltou por questões familiares, mas também foi um pouco por causa do elenco, lá que é outra realidade... A Odelaire foi uma grande atriz!

**Pergunta:** Na época havia cursos de teatro ou cursos livres de teatro?

**JM:** Não. Só havia na PRB-2 a escolinha de rádio-teatro, mas quem trabalhava no teatro era por experiência, não tinha orientação. Eram todos autodidatas: nós líamos muito e íamos crescendo assim... Mas escola não tinha. A primeira escola que existiu foi do Teatro Guaíra, do curso de Arte Dramática. Foi um tempo assim de muita efervescência na área cultural, e veio muita gente de fora para a escola. Foi o tempo do Cláudio Correa e Castro, da Globo, (que faleceu recentemente), Nicete Bruno, Paulo Goulart... Foram feitos espetáculos maravilhosos no Teatro Guaíra. Tem tudo arquivado no Teatro Guaíra; se um dia vocês quiserem ver isso... Foi feita a *Megeira Domada*, de Shakespeare, *Cristovão Colombo*, espetáculos do Ibsen, vários e grandes espetáculos que utilizavam vinte, trinta atores e que custavam caríssimo.

A *Megeira Domada*, para vocês terem ideia, todo o guarda-roupa – o figurino – veio de fora. Figurinista, cenarista, (todos que nem precisava porque não precisa fazer o tecido), veludos, aquelas roupas antigas do tempo de Shakespeare – peles, tudo! O guarda-roupa foi maravilhoso! Fantástico! E se perdeu. Houve uma enchente no rio perto do Teatro Guaíra e tudo isso era guardado no subsolo e entrou água, inundou tudo e se perdeu tudo. Foi uma pena! Foi um tempo muito importante do Teatro Guaíra, em que foram feitas grandes produções. Muita gente de fora começava a trabalhar na Escola de Arte Dramática. Foi importante esse tempo do teatro amador; havia bons elencos e um dos maiores foi o Teatro do Sesi do Paraná, cujo diretor era o Dr. Aristides Teixeira, que selecionava os espetáculos, e onde a Lala Schneider começou. Ela era funcionária do Sesi e começou a participar das peças e se descobriu seu grande talento para o teatro. Isso é mesmo uma curiosidade!

**Pergunta:** Você pode contar um pouco sobre o início da carreira de Juarez Machado?

**JM:** Artista plástico, famoso pintor, muito famoso hoje em dia! Ele era aluno da Escola de Belas Artes e veio de Joinville para Curitiba. Era bem novo, dezessete anos e, além de aluno, tinha que sobreviver em Curitiba. A família dele morava em Joinville. Foi procurar emprego no canal 6 – de qualquer coisa –, fosse o que aparecesse, ele ia. E nesse tempo meu marido (Maurício Távora) era o diretor artístico no Canal 6, e daí ele o contratou. Achou ele muito extrovertido e uma boa pessoa, e o contratou para ser cenógrafo. Pintar cenário – e essa parte que é curiosa... Depois foi cenógrafo.

Há uma história muito curiosa que eu vou repetir. Ele era um menininho e pintava cenário; o estúdio do Canal 6 era pequeno, havia colunas que sustentavam o edifício que existe até hoje na Rua José Loureiro. Então, tudo era ao vivo; todos os programas eram feitos ao vivo, a programação inteira. Começava ao meio-dia e terminava à meia-noite. Tudo era ao vivo! Era fantástico porque o ator, o apresentador e o locutor de telejornais tinham que ser experientes, pois não dava para facilitar; te pegavam no pulo... E então ele pintando cenário e a fama começou: “Que cenógrafo habilidoso!” Ele pintava o cenário e o cenário se transformava durante o programa – até a cor mudava! E o Juarez explicou que era tudo tão rápido, ele tinha que pintar na pressa e o cenário que era pintado durante o programa, por causa da luz, a tinta secava e ia mudando de cor, se transformando...

Ele acha muita graça nisso. Eu estive em Paris no atelier dele e é maravilhoso; (ele) faz coisas lindas; eu tenho orgulho de saber que trabalhei com ele tão menino e ele se transformou num artista tão conhecido, renomado, que o mundo inteiro tem obras dele – que começou comigo.

**JM:** Quero deixar aqui um registro. Agradecer às meninas e à Faculdade, à professora que se lembrou deste teatro de muitos anos, resgatando a memória do teatro paranaense, dos atores que chegaram dessa época e às meninas que estão correndo atrás – e espero que isso sirva de referência para todos. Eu fico agradecida.

#### 4 CONCLUSÃO

Partindo da entrevista realizada com a atriz paranaense Jane Martins, nosso trabalho tinha como objetivo abordar um importante período da história cultural das artes cênicas curitubanas. A década de 1950 viu florescer um significativo circuito de realização teatral na cidade, marcado primeiramente pelo trabalho fomentado dentro das rádios, com as produções de rádio-teatro e os programas de auditório, depois com a reabertura do Teatro Guaíra. Em seguida, deu-se a formação de grupos amadores, como o Teatro de Bolso, que iria se profissionalizar e alcançar um grande destaque nas produções da época.

O contato com Jane Martins e com todo o processo de pesquisa sobre o rádio-teatro e o Teatro de Bolso explicitou a importância do resgate das nossas raízes, uma vez que a memória guarda e protege tudo aquilo que é importante, que faz sentido, tudo o que se coloca ao pensamento como conteúdo digno de ser recordado. Por esse motivo, a memória é a condição da possibilidade da cultura, da civilização, de tudo que o ser humano constrói e desenvolve. Ela é elemento fundamental na constituição de uma identidade individual e coletiva, ao instituir tradições e registrar experiências significativas, e como tal deve ser valorizada e preservada. Como afirma Fernanda Montenegro, “se cuidássemos da memória do teatro nós cuidaríamos de uma parte muito representativa da cultura brasileira”. (*apud* SERRONI, 2002, p.15). Um país sem tradição cultural vai pouco a pouco vendo desaparecer sua verdadeira identidade. O olhar voltado para o passado funciona como base para a vida do presente. Por esta razão é tão relevante o resgate de uma época inicial – e gloriosa – do teatro em Curitiba.

Assim, registramos as palavras de Jane Martins sobre suas experiências, e apresentamos um panorama sobre o grupo Teatro de Bolso, a fim de garantir um registro, pequeno, porém, significativo, da memória teatral curitubana.

#### REFERÊNCIAS

- BIANCO, N. Del; MOREIRA, S. V. **Rádio no Brasil: tendências e perspectivas**. Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília, DF: UNB, 1999.
- CORONATO, V. de C. “Radioteatro e o direito de sonhar”. DAPesquisa – Florianópolis, Revista de Investigação em Artes. Ago/2007 – Jul/2008. Vol. 1, No.3. Disponível em: <[http://www.ceart.udesc.br/revista\\_da\\_pesquisa/volume3/numero1/cenicas.htm](http://www.ceart.udesc.br/revista_da_pesquisa/volume3/numero1/cenicas.htm)>. Acesso: 15. mar. 2012.
- HLADCZUK; BARZ; SUTIL; BOSCHILIA. “Curitiba - Das origens ao século XVIII. História de Curitiba”. 1997. Disponível em: <[http://www.casadamemoria.org.br/index\\_historiadecuritiba.html](http://www.casadamemoria.org.br/index_historiadecuritiba.html)>. Acesso em: 12 mar. 2012.
- MONTAGNARI, E. F. “Rádio e teatro: memória e possibilidades”. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*. Maringá, v. 26, no. 1, p. 145-149, 2004. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/1570/923>>. Acesso em: 5. abr. 2012.
- PEDRAZZI, F. K. “Em defesa do radioteatro: relato de uma experiência de ensino de rádio na UFSM em Frederico Westphalen – RS.” In: *XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2641-1.pdf>>. Acesso: 12. mar. 2012.
- SERRONI, J. C. **Teatro: uma memória do espaço cênico no Brasil**. São Paulo: Senac Editora, 2002.
- Tabloide digital. 35 anos de jornalismo sob a ótica de Aramis Millarch. [textos digitalizados]. Disponível em: <<http://www.millarch.org>>. Acesso em: 4 mar. 2012.
- TEIXEIRA, S. S. **Amadores em cena**. v. 3. Sociedade Paranaense de Teatro - Teatro de Bolso. Rio de Janeiro: Bacantes, 2001.

\_\_\_\_ (org). **Jornalismo cultural:** um resgate: Aramis Millarch, José Carlos (Zeca) Corrêa Leite, Reynaldo Jardim. Curitiba: Gramofone, 2007. !

